

“Em cada talento radica a força para se aperfeiçoar...”
Goethe

A força explosiva da primeira faísca

Por Brigitte Schmidt, 4-08-2002

Há pessoas que carregam a sua modéstia como uma prova da sua excepcionalidade. A sua, a de González Bravo, não é nenhuma virtude, mas sim, uma nota do seu carácter, que no fundo do seu ser corresponde á sua formação humanista e à sua maneira de encarar a vida.

Esta nota do seu carácter corresponde-se com a energética vontade de criação artística que admite diversas realidades, diferentes projectos do mundo, para reagir contra a inconsciência do presente.

Ele compreende as suas obras como um reflexo da confiança fundamental na realidade, como uma iluminação crítico-constructiva e útil, como interpretação, formação e domínio do presente e como obrigação de cuidar da grande arte do passado como um precioso legado.

As artes plásticas têm a capacidade de dar ao profano e ao comum um sentido mais elevado, ligado à humanidade e, desse modo, formativo dos próprios homens. São um ponto de orientação para alcançar o Homem, libertando-o do quotidiano e da predominância tecnocrática, conduzindo-o para uma mundividência explicativa e estética.

A palavra estética é oriunda do grego e significa em forma derivada, «aisthesis», o que, por sua vez significa «percepção» ou «contemplação». Assim, a estética seria a ciência da percepção daquilo que o homem reconhece como sendo a realidade o valor daquilo que se percebe que lhe confere valor e assim o torna digno de ser notado. O sentido dos valores baseia-se na qualidade e profundidade do nosso sentimento, na sua intensidade de sensibilidade sensual. Esta sensibilidade decide sobre a qualidade do que nós reconhecemos, com que lidamos, de como o reflectimos.

A pintura de González Bravo liga os diferentes elementos da força imaginativa. Ela é um local apolínico, a encenação da aparência, do sentido mais profundo, um local do narcisismo, para se reflectir a si mesma, um local do trágico que não soluciona as contradições, um local do olhar e da observação que apela á sensualidade.

Ele pretende ser visto como alguém que procura o conhecimento e a verdade. Pretende transmitir algo das suas ideias, da sua clareza de pensamento e da paixão do seu coração, fazer-se entender como um diálogo espiritual com o presente, transformando a sua curiosidade universal em algo criativo,

Os meus quadros - segundo González Bravo - pretendem tocar o homem, nem que seja só por um instante; servir **como ars magna** - a arte da busca da verdade.

Comment [FPC1]: Não sei o que quer dizer

Ele ilustra: «Os meus quadros vivem na abundância. Para se ter consciência do motivo e da expressão é necessária uma certa espontaneidade e intuição, para que a minha pintura consiga exprimir alguma força. Encontro-me num estado de sensibilidade mais elevada. Há um choque de energias, que provêm de um impulso de transformação e renovação espirituais. Eles não constituem um resultado final, antes se desenvolvem a partir de um processo criativo, a partir da tensão entre a forma e a sem forma, o concreto e o abstracto.»

Com uma grandiosa soberanidade e expressão artística, González Bravo confere aos seus trabalhos uma visão própria da natureza e do quotidiano conhecido, transformando-os numa realidade diferente, com valores próprios, espiritual. Ele entende a arte como um elogio á natureza.

A fim de aumentar a atracão estética, González Bravo utiliza, para além dos meios de pintura clássicos, mármore em pó e outros minerais, a fim de dar às cores uma maior consistência e refração á luz.

Estas estratificações de materiais, em forma de muralha, permitem intervenções escripturais sobre a superfície, admitindo uma pintura gestual e eruptiva, plena de força, que se baseia na luz, na cor, no movimento, na distância e no remoinho.

O pesado é aumentado pelo vazio, desafiando as dissonâncias; a volumosidade, a composição e a perenidade surgem ao lado do esboço e da fugacidade. As superfícies e os símbolos são ocupados por elementos fantasmagóricos; sinais análogos a letras produzem impressões do inesperado e do poético, como características de um tempo parado que não existe. Falta a representação do humano, mas não a referência àquele. Hieróglifos, triângulos, sinais e letras têm aí tanto lugar como o graffiti oriundo do subconsciente.

Os estilos formados pelo acaso, elementos escripturais, sugestões da escrita, expressões dos sinais e objectos de significação produzem um acontecimento visual e háptico, uma contemplação associativa e intuitiva da espiritualidade. A beleza só deve ser entendida como um conceito superior, criativo. A actualidade pura não é procurada, interessando antes a totalidade e a força explosiva da primeira faísca que actua como a génese da artéria vital. As formas enterradas servem á inspiração, a memória funciona como um achado. O passado serve como germe e conduz ao presente. A base de experiência da realidade, a história, a tradição e também o quotidiano deslocam-se para o intemporal. A realidade compactada carece de uma intensidade sensual. Ela é o local da diferença, oferecendo um espaço ás ideias.

O quadro como palco, que possui a sua própria verdade; a pintura como memória do movimento espiritual constante.

Nenhuma pintura é possível sem imaginação, pois a percepção da beleza como memória da experiência mundana pertence aos valores antropológicos fundamentais da humanidade.

A cultura é o capital base de toda a sociedade humana, carecendo de um cultivo cuidadoso, que não se deixe irritar nem pelo espírito da época ou

ultrapassar pela crença no progresso, nem se deixe limitar na sua autonomia espiritual.

Não se pretende o efeito de um esforço exaustivo das capacidades intelectuais, nem uma sobrecarga de informações. A cultura é mais do que a formação. Ela desperta a curiosidade para as maravilhas e mistérios deste mundo, sem a pretensão de querer solucionar todos esses mistérios.

O credo de González Bravo:

A curiosidade universal. Transformar a curiosidade no criativo. Quem pretende realizar algo, sentirá com mais intensidade as contradições, encarando essas contradições como estímulo, excitação, como armadilha para o olhar artístico, como ideia que se transforma continuamente. A percepção sensual significa participar com a própria fantasia, com a opção de permitir a colocação de questões.

O que importa é conferir ao profano e ao comum uma sentido mais elevado, de levar o risco de dar uma forma como meio formal do tempo para o intemporal.

As obras de González Bravo pretendem permitir vários tipos de leitura, contemplando-as á própria imaginação do observador e admitindo a participação deste, em jeito de acto criativo.

Os seus quadros têm de ser descobertos, devem despertar a curiosidade e permitir tomar conhecimento da realidade criadora. Eles devem encantar pela sua frescura espiritual e pela sua força intemporal.

Eles têm dentro de si o mundo de ontem com as recordações do hoje e com uma premonição do amanhã; conquistar ao mutável o imutável, como um romance imaginário que o observador leva consigo através da contemplação.